

A trajetória conceitual do teatro sul-mato-grossense: considerações sobre suas origens, apontamentos para novas narrativas históricas

Fabricio Goulart Moser
Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas/UNIRIO
Mestrando – História e historiografia do Teatro Brasileiro – Or. Prof. Dr. Tania Brandão
Bolsa CAPES
Ator e diretor

Nas cidades do sul do antigo estado de Mato Grosso¹ nasceram artistas importantes para os palcos brasileiros do século XX, como Rubens Corrêa, Glauce Rocha e Aracy Balabanian. No entanto, a produção teatral desta região, que a partir de 1979² veio a formar o estado de Mato Grosso do Sul³, não acompanhou, entre as narrativas que registram a trajetória do teatro nacional, a projeção de seus artistas natos.

Na verdade, o teatro aparece como prática social nessas cidades antes do nascimento destes artistas, e, desde então, segue presente até os dias de hoje. Atualmente, esta arte conquistou importantes espaços em duas cidades de MS, através da criação de cursos públicos de instrução superior em Artes Cênicas. Já o reconhecimento obtido pelos artistas citados refere-se a uma produção ligada aos palcos da cidade do Rio de Janeiro, de onde poucas vezes regressaram à sua região de origem; tanto para apresentar seus espetáculos, quanto para propor ações para o fortalecimento da cena regional.

Apresentar as relações existentes entre esses artistas e o teatro produzido em sua terra de origem não deve servir como parâmetro para discutir o valor de suas opções pessoais e nem mesmo de suas carreiras artísticas, cujas expressivas trajetórias se projetam no panorama teatral brasileiro. Por outro lado, evidenciam um fato que estranhamente parece ocorrer: são estes artistas que se tornaram os representantes do teatro regional, tanto fora como dentro do espaço que hoje é reconhecido como MS. Foram eles que tiveram seus nomes imortalizados em importantes espaços públicos, mesmo que não tenham sido os responsáveis pela permanência e continuidade da produção teatral da região. Portanto, quais seriam os legítimos heróis desta aventura?

Com o objetivo de descobrir seus autênticos heróis partimos em busca de informações a respeito do assunto, queremos encontrar artistas, grupos e instituições, ações, movimentos e tendências que fortaleceram a atividade teatral produzida nas cidades sul-mato-grossenses. Nosso referencial de pesquisa são as cidades para vermos, na região, o desenho de um movimento teatral único, construído em dois momentos fundamentais: o primeiro, teria iniciado e se desenvolvido nas cidades ao sul do antigo estado de MT, e o

¹ Sempre que necessário adotaremos a sigla MT para designar o estado de Mato Grosso.

² A assinatura do decreto que estabeleceu a divisão de Mato Grosso e a criação de Mato Grosso do Sul aconteceu em 11/10/1977. No entanto, a instalação ocorreu efetivamente em 01/01/1979.

³ Sempre que necessário adotaremos a sigla MS para designar o estado de Mato Grosso do Sul.

segundo, teria continuado através destas cidades, após 1979, no estado de MS.

Por ora, queremos procurar informações que possam orientar nosso estudo a respeito do primeiro momento, no sul do antigo MT, considerado por nós originário e que vai até 1979. Queremos mapear em textos produzidos a respeito do teatro regional informações sobre a produção desta manifestação artística nas cidades neste período. Também queremos compreender de que forma foi construída a trajetória conceitual deste teatro no tempo, como os autores trabalham seus conteúdos e conceitos específicos. O objetivo é reconhecer nos discursos as “*fraturas de sentido que marcam o objeto teatro*” regional em seu momento de fixação nas cidades do sul do antigo MT, esperamos reconhecer também as “*diferenças, irrupções [e] descontinuidades*” que marcam a pluralidade das atividades teatrais acontecidas nas cidades da região, suas relações e diferenças. (Brandão, 2006, p. 116) Este exercício já foi realizado em outro artigo⁴, e mapeou informações em “Um fascínio de trezentos anos”, ensaio publicado por Américo Calheiros em 1984.

“Teatro”, texto em mapeamento neste ensaio, é uma das contribuições da crítica cultural Maria da Glória Sá Rosa para a fundamental obra *Memória da Arte em MS – histórias de vida* (1992). Através de uma abordagem conceitual e memorialística, vemos o esboço da trajetória histórica de algumas manifestações artísticas da região. Para cada linguagem uma apresentação conceitual seguida do registro da memória oral de artistas da área, previamente escolhidos. No caso do teatro, temos o relato da campo-grandense Cristina Mato Grosso, do aquidauanense Paulo Corrêa de Oliveira e da três-lagoense Irene Alexandria, entretanto, não nos reportaremos a estes discursos neste ensaio.

Para Rosa, o teatro regional nasce com a “história das cidades” já que “Mato Grosso do Sul não possui tradição teatral”. Em “oposição ao Mato Grosso” onde as manifestações teatrais “existiram de forma sistemática”, nas cidades do sul deste antigo Estado, esta arte teria aparecido de “forma esporádica”. Esta situação teria relação com suas recentes raízes, “mais ligadas à Pecuária e à Agricultura que as atividades artístico-culturais”. Dessa forma, sua produção teatral seria caracterizada por “lances” e, por isso, não teria chegado a “composição de um repertório que, no todo, pudesse refletir a identidade de seu povo”.

As primeiras manifestações teatrais da região teriam acontecido em “fins do século XIX”, quando Corumbá vivia sua fase de “prosperidade financeira”. Por isto, “companhias de teatro profissionais, vindas de Buenos Aires e de Assunção, subiam o rio Paraguai e mostravam espetáculos, em Nioaque, Miranda e Aquidauana”. Com a chegada dos trilhos ferroviários a região, em 1914, Campo Grande se torna atrativo de “companhias de São Paulo e do Rio de Janeiro” que chegavam a apresentar-se também em “Aquidauana

⁴ A Trajetória do Teatro no antigo sul de Mato Grosso, ou As origens do Teatro de Mato Grosso do Sul, apresentado e publicado por Fabricio Moser no Colóquio do PPGAC – UNIRIO. Segundo semestre de 2010.

e Corumbá”. Enquanto isso, o teatro germinava nas primeiras “escolas, que eram os centros culturais, onde se promovia o desenvolvimento das atividades estéticas”. Em 1919 é fundado, em Corumbá, o Bijou Teatro, espaço precursor que “servia tanto para apresentações teatrais, quando cinematográficas, com palco suficiente para companhias de operetas, zarzuelas, comédias.”

As únicas informações sobre apresentações teatrais acontecidas nas cidades da região durante as década de 20 são, o da “noite de 23 de agosto de 1923” em Campo Grande, onde “um grupo de moças de talento levou ao palco do Central a famosa peça de Júlio Diniz *A morgadinha de val flor*”. E a do dia 21 de Abril de 1924, em Dourados, quando realizou-se “um espetáculo de gala no Teatro Palma, onde o Grêmio Republicano encenou comédias”. Em Campo Grande, os espaços para “representações teatrais, circenses e musicais” foram os Cine Guarani (1920) mais tarde Central, Trianon (1929), Santa Helena e Alhambra, em outras cidades as apresentações aconteciam nas residências e nos salões das paróquias.

Já os Circo-Teatros, que excursionavam pelos “municípios do interior”, apresentavam espetáculos em que “primeira parte” era “um ato variado” e a “segunda” alguma “peça, geralmente um dramalhão”. Nesta configuração apareceria a figura do ponto, “visto que era impossível aos atores decorar tantos papéis” nas “peças [que] eram adaptações de textos literários”. Na década de trinta, o “grupo de Dona Antônia Capilé” de Dourados apresentava um “repertório que abrangia o drama, a comédia e a tragédia” e “viajavam para cidades vizinhas”. Em Aquidauana, as apresentações aconteceram no Cine Glória (1938), onde também atuavam “equilibristas, ilusionistas, cantores, dançarinos” enquanto em Três Lagoas, Nestor Guimarães “encenava musicais”.

Nos anos 40, por Aquidauana e Campo Grande passaram “importantes” grupos do Sudeste, como a Companhia de Comédias de Procópio Ferreira, a Companhia Genésio Arruda e a Companhia Mario Salaberry. Enquanto isso, em Campo Grande e Corumbá, padres e imãs salesianas dirigiam nas escolas dramas, comédias e operetas, traduzidas do italiano e do espanhol. As apresentações lotaram os “salões de festa dos colégios”, com “dramas ingênuos a que os atores davam o máximo de sua capacidade interpretativa”. Outros jovens campo-grandenses encenavam “espetáculos de variedades nos cines Alhambra e Santa Helena, de que faziam parte peças curtas de teatro, como *As Máscaras* de Menotti del Picchia, esquetes humorísticas, números de dança e música”.

Para a autora, nos “anos quarenta, cinquenta e sessenta, nenhuma grande companhia” teria visitado a região, por aqui só teriam estado “grupos de repertório medíocre, com artistas decadentes, em busca do público que lhes era negado nos grandes centros”. Como “exceção” aparece “a vinda a Campo Grande, em 1967, da Companhia de Orlando Morais” com “*Pais Abstratos*, de Pedro Bloch, direção de João Bethencourt” e atuação da

campo-grandense Glauce Rocha. Momento também em que aconteciam as peças do Padre Raimundo Pombo em cujo projeto estético “o comunismo” aparecia como “o grande mal que era preciso debelar a qualquer custo”, sua “ideologia” estaria presente em peças como “*Educação Moderna e Último Pelotão*”. Neste período as ações do teatro teriam deixado de existir de “forma irregular, sustentadas pelo entusiasmo de alguns idealistas”, aparecendo então de “forma sistemática, no sentido de um trabalho contínuo”, em Campo Grande “com a criação dos primeiros cursos superiores”.

Assim, quando em Três Lagoas o “jornalista Vicente Leão” dirigia um grupo “que ajudou na construção do Cine Lapa”, em Campo Grande, na Faculdade Dom Aquino, dos padres salesianos, teria nascido o TUC (Teatro Universitário Campo-grandense). Sob direção de Sílvio Torecilha, o grupo foi formado em 1967 por participantes “dispostos a encenar peças que abordassem a realidade social brasileira num tempo em que o teatro sofria forte pressão do Serviço Nacional de Censura”. Em seus quatro anos de atividade apresentou textos como “*Arena Conta Zumbi, Liberdade Liberdade e Morte Vida Severina*”, estreados “em 1967, 1968 e 1969”, no Clube Surian. A última apresentação aconteceu em 1970 com *Diadorim meu Sertão*, adaptação de *Grande Sertão Veredas*, de Guimarães Rosa, dirigida e produzida Maria da Glória Sá Rosa. O TUC, com patrocínio conseguido junto aos “governos municipal e estadual”, teria circulado pelo sul de MT lotando “platéias de Campo Grande, Corumbá, Três Lagoas, Ponta Porã e Cuiabá”.

Os alunos do Colégio da mesma Faculdade, de 1969 a 1972, realizaram “no final de cada ano, o Festival Estudantil Mato-grossense de Teatro”. O Festival teria sido uma mostra de “peças originais” como “*Oxil*, de Cândido Alberto da Fonseca”, “*Autodissecação e Intravagostil*, textos e direção de Américo Calheiros, *A Palavra*, texto de Afonso Romando de Sant’Ana, direção de Marília Beatriz Figueiredo Leite com o Grupo GT-1, de Cuiabá (...), *Hotel das Estrelas*, de Clóvis Irigaray, *Noite Inaugural*, de Cândido Alberto da Fonseca e Paulo Simões, *Todo o fim é bom*, adaptação de um conto de Guimarães Rosa” sob direção de Marly Amarilha. Estes seriam alguns exemplos de montagem vitoriosas destes festivais competitivos, de onde teriam surgido “diversos grupos de teatro” do estado de MT. Alguns, teriam tido “vida passageira, como os de Valer Rondon e José Carlos Vila”, sendo que outros grupos não, como “o GUTAC (Grupo de Teatro Amador Campo-grandense) e o GUTIC”.

A inauguração dos teatros Glauce Rocha (1973) e Dom Bosco (1974) aparecem como atrativo para a visita de “grandes companhias teatrais”, então “confiantes nas condições técnicas e nos mais de 800 lugares”. De 1974 a 1978, um novo formato de Festival foi proposto em Campo Grande, agora pela Secretaria de Educação Municipal, no Dom Bosco. Nele, se “valorizava a criação dos alunos”, sendo que os professores e que davam “forma teatral a textos de Chico Buarque, Caetano Veloso, Fernando Pessoa”, a

partir de "temas da periferia". O Festival teria deixado de acontecer em 1978 por conta da apresentação de "*Vila nhanha toda vila tem uma história pra contar*, que questionava o sistema educacional da época". Por conta disso, o "secretário de Educação" do município teria interrompido a apresentação e ordenado seu fim.

A partir de 1974 o "teatro três lagoense", com a criação do Teatro da Patota Infantil dirigido Irene Marques Alexandria, teria se tornado o "pioneiro da representação com bonecos" na região. Em Aquidauana, Paulo Corrêa de Oliveira junto ao CERA (Centro de Educação Rural de Aquidauana) desenvolvia propostas que "integra[vam] as atividades cênicas na vida social da cidade, através de peças baseadas na realidade sul-matogrossense". Em 1976, o diretor também teria fundado o Grupo Bataclã formado por "18 profissionais liberais, que utilizavam como linguagem estética a música e a dublagem". O grupo regional teria se apresentado "com sucesso não apenas em Aquidauana, mas em várias cidades do Estado e do Brasil".

Em Dourados, no ano de 1974, o TUD (Teatro Universitário de Dourados) estréia a "peça *O Jumento e o Capataz*, de Antônio Rodrigues de Oliveira". Sem apoio, o grupo teria sobrevivido "durante quatro anos, por obra e graça de seus diretores e atores", tendo em seu repertório montagens como "*Piquinique no Front*, de Fernando Arrabal, Reflexo, texto do integrante José Luiz Sanfelice, e *Os Vendedores*, de José Edward, encenadas respectivamente em 1974, 1975 e 1976".

No decorrer desta ensaio pudemos visualizar legítimos heróis do teatro regional, também apareceram momentos fundamentais para a movimentação teatral do antigo sul de MT. Das manifestações esporádicas, no início do século, as primeiras tentativas de fixação e profissionalização empreendidas na década de 70, com uma maior promoção, articulação e circulação do trabalho de grupo. Neste contexto, os Festivais do período surgem como encontros importantes, sendo meio para o surgimento de diversos grupos.

Também os discursos a respeito deste movimento artístico precisam ser discutidos, já que a partir da comparação entre a proposta de Rosa (1992) e a proposta de Calheiros (1984) vemos diferentes formas de falar deste momento anterior e originário. Se para Calheiros o teatro sul-mato-grossense estaria enraizado ao passado teatral de MT, incluindo a movimentação teatral que se deu ao largo da exploração do ouro, nas vilas da região central o antigo Estado no século XVIII e XIX. Para Rosa, como pudemos ver neste ensaio, este teatro regional teria uma história recente, exclusivamente ligada ao teatro produzido nas cidades da região sul de MT, como decorre nossa perspectiva de análise.

Apesar de fundamental, constatamos que a proposta da autora apresenta informações que precisam ser discutidas e atualizadas como, por exemplo, a da fundação do Teatro Bijou, em Corumbá, e sobre a duração do grupo TUD, de Dourados. Ao lado disso, aparece a necessidade de uma maior valorização de outras cidades da região que, junto a

Campo Grande, desenham o panorama teatral que se fixa hoje em MS. Nisto, seria importante reconhecer e encontrar outros personagens teatrais das cidades de Aquidauana, Corumbá, Dourados e Três Lagoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Tania. *Artes Cênicas: por uma metodologia de pesquisa histórica*. In: Metodologias de Pesquisa em Artes Cênicas. CARREIRA, André e outros. Rio de Janeiro: ABRACE/ 7 Letras, 2006.

CALHEIROS, Américo. *Um fascínio de trezentos anos*. Excerto do Boletim Informativo, Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Artes Cênicas, n. 7, p. 62-63, inverno 1984.

ROSA, Maria da Glória Sá. Teatro. In; ROSA, Maria da Glória e outros. *Memória da arte em Mato Grosso do Sul – histórias de vida*. MS: Campo Grande. Editora da UFMS, 1992.